

Uma imagem

Priscila Duarte dos Reis

COLETIVO EMPODERA JOVEM: UMA EXPERIÊNCIA DE AFETO

Atualmente notícias a respeito de violência, geralmente envolvendo o crime organizado, as facções criminosas, roubos e depredações tem tomado conta não só dos jornais televisionados como de todas as redes sociais. Historicamente paira sobre as favelas, presídios e instituições voltadas a jovens em conflito com a lei o discurso do medo, através do qual a hegemonia fomenta com imagens, notícias e afirmações a ideia de que os inimigos da sociedade e do estado, seres “irrecuperáveis” e “anormais” se encontram nesses locais. Pregando a ideia de que os espoliadores de patrimônio, os ladões da paz, os ameaçadores da saúde pública e os responsáveis pela morte violenta são crias e hóspedes destes espaços, o estado instaura o medo, fomentando uma guerra de cidadãos contra cidadãos.

No entanto, isto não se faz sem sentido. De acordo com Vladimir Safatle (2015) o medo se mostra como sendo o afeto político central. Para Safatle somos movidos (ou paralisados) por afetos. O medo é essencial para a legitimidade do estado, que se apresenta tendo como principal função a regulação da vida em sociedade a fim de que haja segurança, valendo-se para atingir este fim, inclusive da coerção e da violência.

Vendendo a ideia de que é o único capaz de fornecer segurança e proteção, o estado propaga a máxima de que o medo está sempre à espreita, o que faz com que submetamo-nos a restrições em nossos direitos mais básicos em troca de uma proteção oferecida pelo estado. Ainda de acordo com este pensador, o circuito dos afetos nos aprisiona e o medo é a principal razão da nossa impotência. Para ele, uma mudança nas estruturas sociais e na forma como nos relacionamos só se faz possível se formos afetados de

outras formas, por outros afetos.

Neste sentido, visando o enfrentamento ao discurso do medo e entendendo a necessidade de “deixar-se atravessar” por outros afetos ser necessário para um rearranjo social, surge o coletivo Empodera Jovem, formado por populares (universitários, artistas, poetas, professores) organizados, residentes e atuantes na Baixada Fluminense, unidos com o propósito de realizar formação política, educação popular e criar laços de afeto com jovens em conflito com a lei que cumprem medida no Departamento Geral de Ações Socioeducativas do Estado do Rio de Janeiro (DEGASE).

Para alcançarem tal propósito, utilizam-se das artes e do entretenimento para, através de um ato reflexivo, sensibilizarem jovens que cometeram atos infracionais a respeito de seu papel social, sua história, a história de seu local e a importância de suas trajetórias e seus saberes. Além de também serem sensibilizados e formados politicamente através dos ensinamentos e das narrativas que encontram nestes locais, com jovens cujo discurso hegemônico midiático e governamental insiste em categorizar como “refugio humano” (Bauman, 2005).

Entre raps, dobraduras, conversas, oficinas de poesia, cores, desenhos e cicatrizes, o coletivo media atividades mas também se torna aluno do emaranhado de saberes presentes no local. Atuante desde o ano de 2015, os principais resultados que julgam ter alcançado são o carinho e a confiança recebida de cada socioeducando participante das atividades e o aprendizado a respeito da complexidade da subjetividade humana, além da compreensão da impossibilidade de se narrar e desenhar toda a riqueza existente no cotidiano de cada um destes jovens.

Ignorando o medo e permitindo o toque e construção de/por outros afetos, relatam ver no cotidiano, não só, mas também, pessoas extremamente sensíveis, dotadas de saberes e potências que por sua vez são desprezados

ou subalternizados pelas instituições. Encontram artesãos, compositores, críticos da sociedade, artistas, meninos solidários. São escritores de sua própria história que possuem compreensão crítica e aprofundada sobre questões de raça e classe, bem como o impacto disto sobre seus corpos.

Sobre a autora:

Priscila Duarte dos Reis é doutoranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas- UERJ. Bacharel em Direito pela Universidade Estácio de Sá.

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. ***Vidas desperdiçadas***. Tradução de Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 176 p.

SAFATLE, Vladimir (2015) **O circuito dos afetos**. Corpos Políticos, Desamparo e o Fim do Indivíduo. 2ª ed. rev; 4 reimp. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2018.